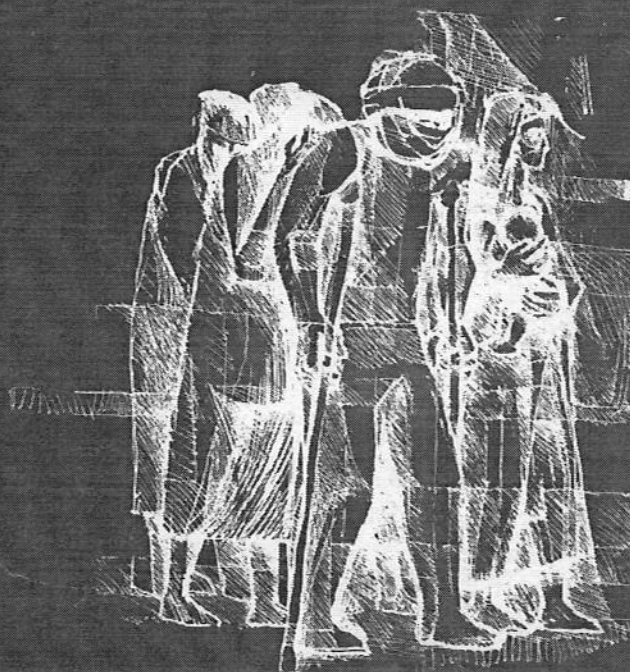


29/09



Os Meninos e As Pedras

Espectáculo premiado com Funarte- Petrobrás e Estímulo 2005



Os Meninos E As Pedras

De: Antônio Rogério Toscano

(Versão espetacular do Núcleo EntreLinhas de Teatro com inserções de Erica Montanheiro)

Prólogo

O pacifista Há coisas que não são como parecem. Podem ter muitas formas, podem ser de outros jeitos. Como esta história, como este encontro. (*Tempo.*) Talvez essa história não fosse exatamente assim... Talvez tivesse outra aparência. Podia até ser como a história de dois irmãos como no livro do Gênesis. E quando um deles levantasse contra o outro uma arma, teria começado o pesadelo de ambos.

Cena 1

(Terra arrasada, árida. Fátima, menina árabe, brinca com três pedras, dispostas de forma simétrica, na frente do palco.)

Fátima *(Sozinha, enquanto coloca os pequenos véus nas pedras.)* Vocês precisam se proteger. Aqui, todo mundo tem que ficar bem protegido... Não quer? *(Silêncio.)* Ah, eu também não queria... Mas é assim. *(Silêncio.)* Aprendi que é bonito. Não? *(Tempo.)* Então, a gente brinca de outro jeito. *(Coloca as pedras numa linha reta.)* Assim é reto. *(Muda uma delas.)* Agora, é triângulo. *(Tempo.)* Aonde é melhor ficar? Na reta ou no triângulo? *(Espera, atenta, uma resposta.)* Não, tanto faz não é resposta! *(Curiosa pela resposta silenciosa das pedras.)* Tanto faz, mesmo? *(Decidida.)* Eu acho bonito reto. Ontem, preferi triângulo... É bom quando a gente fica aqui trocando de lugar... A gente pode mudar tudo! O dia fica calmo... O tempo passa lento... Nessas horas, parece que eu nunca mais vou parar de brincar com vocês.

(Barulho tétrico, de explosão ou grito. Uma pedra voa, vinda de longe, e quase machuca Fátima. Sem pensar em mais nada, Fátima pega as suas pedras e as protege. Mais barulho. Violentemente, Fátima se descontrola e lança uma delas em represália, na direção dos sons tétricos. Está furiosa. Novos barulhos. Então, ela se afasta, correndo. Olha para as mãos, ressentida de ter ficado com apenas duas de suas pedras. Yonathan, menino judeu, entra correndo do outro lado com uma pedra na mão. Tensão.)

Yonathan *(Tempo.)* Não vou jogar a pedra. Pode ir.

(Ela fica.)

Yonathan Não vai? Foge! Eles podem vir pra cá. Aí, eu vou ter que jogar. Não vai ter jeito. Vai te machucar... Vai... Corre!

(Ela fica. Tempo.)

Yonathan Não vai?

Fátima Por que você veio brincar aqui? *(Ele vai responder, ela o interrompe.)* Não pode!

Yonathan Quem falou?

Fátima É perigoso. Minha mãe disse.

Yonathan E você? Por que veio, então?

Fátima Porque eu posso. Minha mãe disse.

Yonathan E eu, não?

Fátima Você não.

(Tempo.)

Yonathan *(Argumentação apressada, instintiva e ameaçadora.)* Ontem, eu estava brincando bem aqui. Você não estava. Anteontem, também.

Fátima *(Seca.)* Ontem, eu estava brincando aqui. Você não estava. Anteontem, também.

Yonathan *(Desconfiado.)* Aqui?

Fátima Estava. Eu e minhas três pedras.

(Ela recolhe com máximo cuidado as duas pedras que deixara cair, há pouco.)

Fátima Sara. *(Pega a segunda pedra.)* Leila. *(Olha para o lugar para onde jogou a outra pedra.)* E Amina.

Yonathan Como foi que eu não te vi?

Fátima Você não estava!

Yonathan *(Sólido como pedra.)* Estava, sim. *(Confuso)* Vai ver, não sei... Vai ver, foi em horário diferente... Ou um de nós dois, provavelmente você... É. Você! Você não sabia bem se era mesmo aqui que você estava...

Fátima Era aqui. Deixei as minhas três pedras assim, fazendo um triângulo pra eu saber aonde era... E elas me esperaram, aqui, até hoje. Eram três. Três pedras... Que eu achei aqui, bem aqui... Nessa terra. Que é minha... Aonde eu sempre brinquei... Minha. *(Tempo. Nervosa.)* Você devia ir embora!

Yonathan *(Retira, de um dos bolsos, a pedra que ia lançar em Fátima. Entrega a ela.)* Acho que era essa a sua pedra. *(Ela olha de um jeito atento, duvidoso com relação ao reencontro com Amina. Olha, com receio e desejo, para a sua pedra. Desconfiada, hesita em pegá-la de volta. Por fim, pega-a, rapidamente.)* Quase me acertou... Passou raspando. É Amina o nome dela?

(Fátima guarda a pedra, como também as outras duas, sob suas roupas.)

Yonathan Eu vi o triângulo que você deixou feito aqui ontem. Era esquisito, bonito. Mas, quando eu passei, você não estava mais.

Fátima *(Arredia.)* De tarde, eu fiquei em casa. *(Rancorosa.)* Meu irmão está machucado.

Yonathan Machucado?

Fátima ferido. *(Olha firme para ele, culpando-o pela ferida do irmão.)* Foi

(Tempo.)

Yonathan Pedrada?

Fátima É!

Yonathan irmão? *(Lembrando-se de acontecimentos que não conhecemos.)* Era seu

Fátima A cabeça dele sangrou muito, por isso, ontem eu estava triste! Fiquei cuidando. Minha mãe disse para eu não vir hoje, mas eu quis. *(Bastante chateada. Afirma o seu lugar na terra disputada.)* Por que não posso brincar no quintal da minha casa? Na minha terra, junto com as minhas pedras? Além disso, eu tinha que vir aqui para buscá-las, coitadas!

Yonathan Nesses dias, andar por aqui está perigoso.

Fátima Sempre é. Desde que eu nasci é perigoso.

Yonathan *(Preocupado.)* Desde que eu nasci, só tem medo rondando por aqui. A gente sai para brincar e fica com medo. Cansa! Tenho um amigo meu que diz que não devia ser assim... Mas ele nunca fala isso na frente dos outros. *(Acha graça, sem compreender.)* Não devia ser assim... *(Muda de tom, repentinamente agressivo.)* Mas é. E você não tinha nada que vir aqui para buscar pedras!

Fátima *(Arrogante.)* Eu podia deixá-las aqui, também, se eu quisesse – é o quintal da minha casa!

Yonathan *(Mais agressivo.)* Este quintal não é da sua casa. É o quintal da minha casa. E essas pedras são minhas. Me dá!

(Fátima afasta-se dele. Após certo susto, enfrenta-o.)

Fátima Sua casa? Só se virou depois que vocês tomaram de nós! *(Tempo tenso.)* É como as minhas pedras: só vão ser suas se você tomar das minhas mãos... *(Ameaçadora, com pedras nas mãos. Fala devagar, com ameaça.)* Cuidado com o lugar aonde vem brincar, menino!

(Tempo.)

Fátima *(Começa uma brincadeira de pega-pega, tensa.)* Vem pegar, vem! Não é corajoso? Com pedras na mão...

Yonathan *(Irritado.)* Essa terra era nossa! Sempre foi!

Fátima *(Interrompe a brincadeira. Surpreende-se com a falha do discurso dele.)* Nossa? *(Rancorosa.)* Sempre?

Yonathan *(Confuso.)* Eu disse nossa... Minha. *(Aponta para si mesmo e para ela.)* Nossa. Meu pai me contou porque viemos para cá. Para os antigos, como para nós ainda é, essa terra era prometida... Santa! Para nós. *(Novamente confuso.)* Eu disse nós... Por isso ela é nossa.

Fátima Nisso, eu não acredito.

Yonathan Eu sei...

Fátima santas? Você fala de coisas santas. O que é que você sabe sobre as coisas

Yonathan Eu sei. Meu pai me disse. Os antigos...

Fátima *(Altera a brincadeira, mais ameaçadora, com pedras nas mãos.)* Se sempre foi assim, terra prometida a vocês, por que não ficaram por aqui?

Yonathan *(Triste.)* Tivemos que fugir.

Fátima *(Semblante carregado.)* Quando vocês foram embora, nós ficamos aqui em paz na nossa terra.

Yonathan *(Confuso.)* Nós não fomos embora. *(Inventa qualquer coisa para confrontá-la.)* Vocês é que expulsaram a gente daqui...

(Tempo.)

Fátima Nós?

Yonathan Sempre tivemos inimigos.

Fátima Quando vocês não estavam aqui, minha mãe conta que as crianças podiam brincar, correr livre, sem medo. Você sabe o que é isso, menino? Eu não sei. As pedras eram pedras, só. Agora...

Yonathan A minha gente nunca foi embora. Foi expulsa.

Fátima Isso já faz muito tempo e você sabe que não foi a minha gente que expulsou a sua.

Yonathan *(Irônico)* Foram os inimigos. Em tempo de guerra, todo mundo é inimigo e todos os inimigos estão em todos os lugares, no mundo todo! *(Tempo. Bravo.)* E quando nós quisemos voltar...

Fátima Vocês voltaram cheios de armas.

Yonathan Tinha que ser assim. Se não fosse desse jeito, vocês acabavam com as nossas casas. E nem vou te contar das outras coisas que aconteceram, quando estivemos longe. *(Tempo.)* Meu pai me disse.

(Tempo.)

Fátima *(Encabulada.)* Minha mãe me contou. *(Sem mais tristeza, repentina.)* Mas falou que vocês não prestam, por isso sofrem.

Yonathan *(Indignado.)* Como ela sabe que a minha gente não presta? *(Triste, sem entender.)* Quem disse isso a ela?

Fátima Ela.

Yonathan Como é que ela pode saber isso?

Fátima Ela sabe, ué! É gente grande, sabe!

Yonathan E você acredita?

Fátima Ué, você não acredita no seu pai?

Yonathan Pra saber, tinha que estar junto. Nós dois, aqui, por exemplo: o que é que a gente sabe?

Fátima Nada. Só sei que você me jogou uma pedra.

(Tensão. Tempo.)

Yonathan Eu não joguei. *(Tempo.)* Não fui eu. Eu trouxe a sua pedra e entreguei na sua mão. *(Esforça-se para lembrar do nome dado à pedra.)* Amina... Devolvi.

Fátima *(Muda de ânimo. Sorri.)* Eu vi. Obrigada.

Yonathan De nada.

Fátima *(Olha, pela primeira vez sem mágoa, para ele.)* Obrigada. Eu não queria ficar sem ela.

Yonathan *(Sem entender)* Então, por que jogou?

(Tempo.)

Fátima Não sei. Costume. A gente perde, joga fora, tudo o que é bom para gente... Mas tudo sempre é tão rápido...

- Yonathan Rápido demais. *(Tempo. Enfático)* Puxa, se gosta tanto dela, não entendo por que jogou.
- Fátima *(Nervosa.)* Não percebi. Quando vi, já tinha jogado. Tem muita coisa que a gente nem percebe.
- Yonathan Devia perceber.
- Fátima É, devia mas não percebe. *(Tempo.)* Agora eu estou aqui, falando com você. *(Desconcertada)* Coisa esquisita... *(Tempo.)* Ia ser mais gostoso se fosse assim sempre, não ia?
- Yonathan Ia. Meu pai conta que por onde meu povo andou, sempre levou pedrada. Também se acostumou com sofrimento, com perseguição. Parece que não teve jeito de ter um tempinho assim... Como estamos tendo, agora. *(Tempo.)* Um dia ele me falou que no início, há muito tempo, nós e vocês éramos muito próximos...
- Fátima *(Desconfia um tanto.)* Primos. Minha mãe me contou.
- Yonathan Só depois, quando tivemos que fugir, é que vocês começaram a ver a gente como inimigo. E, depois, nós precisávamos voltar... Para o nosso povo, aqui é a nossa terra.
- Fátima Vocês falam de terra prometida. *(Pede uma explicação)* Nunca entendi.
- Yonathan Acho que é como é pra vocês.
- Fátima Mas vocês não acreditam no que nós acreditamos.
- Yonathan Ué. Tudo bem. Eu não fico dando nome para as pedras e nem por isso acho que você não deva fazer isso...
- Fátima *(Assertiva, discordante)* As únicas coisas em que somos parecidos é que nós dois somos meninos, moramos aqui e jogamos pedra uns nos outros. *(Bem humorada.)* Se bem que você chamou minha pedra de Amina.
- Yonathan No resto, somos diferentes.
- Fátima *(Tentando recuperar a confiança)* Para nós, aqui é um lugar santo, também. Por isso eu falei que aqui, brincando junto com as pedras, eu brincava no quintal da minha casa. *(Nota mais semelhanças entre eles em seu discurso.)* Outra coisa igual.
- Yonathan Muitas coisas. Em geral, a gente nem vê isso. Nem percebe. E é tão ruim não saber.

Fátima *(Animada.)* A gente podia, hoje, brincar de dividir esse quintal. Só um pouco... *(Ela entrega uma pedra para ele, agora.)* Eu disse que era nosso, mas...

Yonathan *(Muda de postura, assustado com a hipótese, repentinamente. Nem sabe ao certo porque reage com ódio à ternura de Fátima.)* Mas não é mais! Este quintal é nosso e vocês é que têm que ir embora! Você não pode brincar por aqui! E nem sei porque estou perdendo tempo conversando com você. Você tem que ir embora! Vai!

(Irritado, Yonathan vê que está com a pedra que Fátima lhe jogara na mão. Atira-a no chão, para não atirar em Fátima.)

Yonathan Sai! Agora! Ou sua cabeça vai sangrar como a do seu irmão! Sai!

(Fátima, assustada, sai. Leva consigo as duas pedras que estão em suas mãos. Volta, para pegar a pedra que está no chão. Yonathan pega-a primeiro e ameaça atirar nela. Ela lhe estende a mão, pedinte. Ele corre para cima dela, ameaçador. Dá a impressão de que vai atirar a pedra. Ela foge. Black-out.)

INSERÇÃO 1
por Erica Montanheiro

(Entram quatro atores. Três parodiam as potências EUA, França e Inglaterra. E um deles parodia um Judeu.)

EUA – Vim aqui para comunicar-lhes um plano magistral que tive no “meu” cabecinha fortunada! Eu estou sabendo que tem um povinho aí enchendo um pouco o saco de vocês. O que vamos fazer com eles?

INGLATERRA – Manda eles por limbo!

FRANÇA – Ou pra África.

INGLATERRA – Não, não... Paquistão!

FRANÇA – Iraque!!!

INGALTEIRA – Brasil!!

EUA – Adoro o senso de humor de vocês. Mas entre todos esses lugares e o limbo, francamente, não vejo muita diferença. De qualquer maneira, sinceramente, economicamente falando, eu diria que vocês são estúpidos!

FRANÇA – *Oncle, vous êtes très mal eleve!!!*

EUA – *(Dá um tapa na cara de França.) Don't speak to me in your stupid language! You know I am not able to understand it!*

INGLATERRA – *Uncle, I apologise for him. He has not my ability to play with words...*

EUA – Ok. Bem, continuando, economicamente falando, eu diria que vocês são assim...uns cabeçudos! Se eu mandar esse povinho pra África ou pro Brasil, o que que eu ganho com isso?

FRANÇA – Você extermina eles, ora essa! Mas eu não posso tirar proveito deles, que são assim, digamos, talentosos para o mundo do *business*. *Got it?*

(Os três dão uma cuspidada.)

FRANÇA – E então, querido mestre? O que fará o senhor para tirar proveito desse povo tão sabido...

INGLATERRA – E que nos enche tão fervorosamente o saco?

EUA – *Call em God!* Vou mandá-los de volta para casa!

(Os três se olham e caem na gargalhada. Eles riem muito e depois abrem um mapa gigante e começam a dividi-lo. Inglaterra e França brigam. EUA separa.)

EUA – *(para Inglaterra.)* Você toma conta deste pedaço aqui. *(Para França.)* E você, desde outro aqui!

INGLATERRA – Mestre, que alegria. É tudo o que eu sempre quis.

FRANÇA – Eu também.

EUA – Mas antes, devemos fazer um juramento. *(lê)* :

“Genebra, 12 de Agosto de 1922.

Considerando que as principais Potências Aliadas concordaram em designar um Mandatário selecionado pelas nações mais desenvolvidas para a administração da Palestina; e considerando que NADA PODERÁ SER FEITO QUE POSSA PREJUDICAR OS DIREITOS CIVIS E RELIGIOSOS DAS COMUNIDADES NÃO-JUDAICAS DA PALESTINA, seguem os termos:

Art. 1º - O mandatário deve ter amplos poderes de legislação e administração;

Art. 2º - O mandatário será responsável em colocar o país sob as condições políticas, administrativas e econômicas que assegurem o estabelecimento do lar nacional judeu.”

Assinem!

(França e Inglaterra marcam suas digitais no documento como forma de assinatura.)

INGLATERRA – *God bless all the world.*

EUA – *Specially America.*

FRANÇA – Amém.

(Silêncio.)

INGLATERRA E FRANÇA – Mas, mestre, e o senhor? Vai ganhar o quê?

EUA – Tudo! Afinal, o que é de vocês, é nosso! E trazendo esse povinho pra esse pedaço aqui, eles vão ficar tão gratos, que me adorarão para o resto da vida! E me darão TUDO que eu quiser. Além disso, as terras por ali são muito férteis...

INGLATERRA E FRANÇA – *(se olham e olham para EUA.)* Ah! Mestre, entendemos porquê o senhor quer mandá-los de volta para casa. Por lá, as terras são muito férteis. Os fluidos subterrâneos...

EUA – *Call me God!*

INGLATERRA – *God*, e os que já estavam por ali?

FRANÇA – O pessoal do Maomé?

EUA – (*Pega o tratado.*) Ficam protegidos por esse documento aqui.

(*Começam a ri e são interrompidos pelo JUDEU que entra.*)

JUDEU – *Shalom!*

OS TRÊS – *Shalom!*

(*Eles se cumprimentam. EUA entrega um pedacinho do mapa para o Judeu. Ele olha, sorri. Os quatro se abraçam.*)

JUDEU – *Shalom!*

(*Blackout.*)

Cena 2

(Yonathan está sentado no mesmo lugar da primeira cena. Brinca com a pedra de Fátima que ficou em seu poder. Parece esperar. Olha para os lados, como se esperasse algo. Tem um fuzil muito grande apoiado em seu braço.)

Yonathan *(Fala sozinho. Ou para a pedra, que guarda desde o último encontro com Fátima, no dia anterior.)* Queria ver ela chegar aqui, agora! *(Desbocado.)* Quintal da casa dela... *(Para a pedra.)* Viu? Ela te deixou aqui. E ainda me deve aquelas duas outras pedras, que ela tinha que ter deixado aqui! Será que ela não vem?

(Cansa de esperar. Vai sair. Dá dois passos em direção à saída e pára, pois percebe a chegada, do lado oposto, da garota Fátima.)

Yonathan *(Ambíguo, entre a ternura e a violência.)* Eu estava te esperando. *(Áspero.)* Eu quero as duas pedras de volta. São minhas. Esse lugar é meu!

Fátima Meu avô, quando morreu, foi enterrado aqui, nesta terra. Como ela pode ser sua?

Yonathan Enterrar o avô no quintal do vizinho! São esses os costumes de vocês?

Fátima *(Avança sobre ele.)* Não fale assim nunca mais! *(Descontrola-se.)* Não fale! *(Frágil.)* Eu gostava dele. E ainda gosto! Não custa nada ter respeito com quem está morto. *(Tempo.)* Quando a gente fala dos mortos com carinho, é como se a gente fizesse uma visita boa para eles, na memória da gente.

Yonathan Como sabe disso?

Fátima Falam muito sobre os mortos nesse lugar. São muitos. A gente não pode esquecer.

Yonathan *(Brinca com o fuzil que carrega.)* Nós é que dizemos o que vocês podem e o que vocês não podem...

Fátima Vocês podem mandar, mas isso não é todo o poder. Eu posso muitas coisas, menino... E o que eu lembro ou deixo de lembrar, não está em seu poder.

Yonathan Você parece boba! Parece que nem tem medo. Um fuzil desses faz coisas que... *(Triste.)* A gente ouve falar de muitos mortos, também.

(Tempo.)

Fátima Parece que o mundo inteiro só escuta o choro dos mortos de vocês, embora nosso cemitério seja muito maior. Por quê?

Yonathan *(Arrogante)* O que você sabe sobre cemitérios? Números. E de que adianta falar de números? Aposto que nunca foi numa escola.

Fátima Eu sei muito de números.

Yonathan Sabe? Que que você sabe? Sabe que meu povo caminhou, espalhado pelo mundo, e foi odiado demais, menina? Alguém conseguiu contar quantos foram maltratados? E por quê? Disso, você sabe? A gente não entende, não! A gente faz, sempre, essa mesma pergunta: por quê? Cansa ficar fazendo sempre a mesma pergunta, que parece que não tem resposta.

Fátima Deve ter. Para tudo tem.

Yonathan Mas a resposta não vem... Nunca.

Fátima Vem sim! *(Afasta o fuzil de Yonathan)* Escuta comigo a voz dos mortos? *(Escuta.)* É silenciosa, mas fala... Às vezes, quando a gente chora, pode escutar resposta... Na minha casa, a gente vê a morte todo dia, quase sempre. Meu avô foi morto assim *(refere-se ao fuzil de Yonathan)*. E eu preciso escutar a voz dele, para não me acostumar com o silêncio que ele deixou pra sempre! Meu avô... Sem contar os primos, os tios, os conhecidos... Os desconhecidos! Às vezes, a gente chega quase a se acostumar. Parece normal. Chega a se acostumar. Vê uma pessoa morta e nenhum sentimento... Só raiva. Vontade de revidar... Mas é preciso escutar a voz deles... Precisa! Se você prestar atenção, vai ver que eles gritam!

Yonathan De raiva?

Fátima Não. Nem sempre. São como nós. Eu grito sempre... *(Grita.)* É divertido... Eu acho! *(Grita. Ri. Pára de rir, sombria.)* Ontem, quando eu saí daqui, podia ter sido ferida, como meu irmão... Cheguei em casa, olhei nos olhos dele. Vi que ele estava acostumado com a morte. Que não tinha medo... Então, eu gritei. *(Grita mais uma vez.)* Naquela hora, parece que ele me ouviu...

Yonathan Por quê?

Fátima Porque ele gritou, também. Eu e ele... Gritamos juntos. Mas ele nem se lembrava da dor. Não se lembrava que tinha medo.

Yonathan Você tem?

(Tempo.)

Fátima Tenho. Eu tenho medo. *(Tempo.)* Vamos gritar?

(Gritam juntos. Yonathan pára antes. Fátima acanha-se.)

Yonathan Até os passarinhos andam assustados por aqui. *(Tempo.)* Por quê? Tem coisas que nós não vamos entender nunca.

Fátima Tem que entender! Tem!

Yonathan Teve uma guerra, não faz muito tempo. Nem era aqui... Mas aonde quer que fosse, sei lá... Eu ia sentir do mesmo jeito. Medo... Meu pai me contou. Quando ele contava, dava vontade de gritar...

Fátima E, quando o seu pai te contou, você não gritou?

Yonathan Já calaram tanto a nossa boca...

Fátima Mas grita do mesmo jeito, tonto! Nem que seja um grito de silêncio...

Yonathan Ele me contou.

(Forma-se uma cena que relembra o Holocausto. Um soldado alemão revista e mata várias vezes prisioneiros judeus que cantam uma música alemã.)

Fátima Chega! Parece até que você está contando uma história que eu conheço, que eu podia contar. E não são campos de concentração aqueles cercados malfeitos que vocês fizeram em torno da minha casa, de todas as casas, no vilarejo?

Yonathan Talvez sejam. Mas, agora, é diferente! Hoje, nós podemos lutar... É diferente! *(Acaricia o seu fuzil.)* Hoje temos armas pra... Pra ter um pouco de paz.

Fátima Lutar? *(Tempo.)* Por paz? *(Tempo.)* Por quê?

Yonathan Porque queremos ficar em paz.

Fátima Ontem você ia jogar uma pedra em mim.

Yonathan Eu não joguei! Eu ia jogar... Mas, sei lá... Era quase mais forte do que eu, mas eu não joguei! Na hora, parecia que eu tinha razão, que você devia ser ferida. *(Tempo breve.)* Eu e os meninos vimos você de longe. Sorte sua que os outros meninos não vieram. Eu falei para eles não virem.

Fátima Só me viu de longe e ia me jogar uma pedra.

Yonathan Pra mim, deu tempo de pensar e escutar uma coisa silenciosa que falava aqui, ó, no meu ouvido. Era uma voz surda que me perguntava a mesma coisa, na hora de jogar a pedra... Por quê?

(Tempo.)

Fátima Sabe, quando eu fico aqui, sozinha, brincando com as minhas pedras, eu gosto de ouvir o silêncio. É como aquela voz surda que eu te falei, dos mortos. Igual a esse silêncio que você disse que falou no seu ouvido, naquela hora...

Silêncio... *(Tempo.)* Silêncio... Ele é tão confuso, cada hora ele diz uma coisa diferente... Mas ele fala.

Yonathan *(Entusiasma-se ao se reconhecer nisso. Amigável.)* É assim mesmo. Comigo, é igualzinho. Eu ouço o silêncio... *(Em tom menos efusivo.)* Mas não dá para falar disso com os moleques.

Fátima É... É difícil falar disso com o meu irmão...

Yonathan É difícil falar disso com meus amigos, também. Eu acho gostoso ficar ouvindo o silêncio...

Fátima Mas não são todos vocês que pensam desse jeito... Que escutam essa voz quieta.

Yonathan Não somos todos iguais, ninguém é. *(Mais próximo dela.)* Nem vocês...

Fátima Vendo de longe, é difícil de perceber a diferença.

Yonathan De perto, também é. Olhe só pra nós dois, aqui. Somos diferentes, e demorou um monte para que a gente pudesse conversar de verdade, como agora... As coisas diferentes são bacanas, também. Não são?

(Tempo.)

Fátima É... São.

Yonathan Vamos ficar só um segundo escutando o silêncio, juntos? *(Ela resiste. Ele não dá bola para a resistência dela. Yonathan fecha os olhos.)* Fecha os olhos.

(Fátima fecha os olhos. Tempo. Ela abre os olhos quando Yonathan pega na sua mão, discretamente.)

Yonathan Quantas coisas diferentes a gente consegue pensar... E uma coisa não precisa ser melhor que a outra... Elas podem ficar juntas, conviver...

Fátima Como?

Yonathan Ué, a gente pode inventar...Essa pergunta é mais fácil de responder. Eu acho. É só inventar a resposta... Não é como aqueles “por quês”... *(Ainda de olhos fechados.)* Quando a gente olha pra essa terra arrasada, parece que só se vê uma coisa. Uma coisa só... Uma mesma coisa, feita só de deserto, de pedra... Mas quando eu estou aqui, sozinho... De olhos fechados... Eu vejo cada coisa diferente...

Fátima Eu também. *(Dispõe as suas duas pedras no chão.)* Até as pedras são diferentes.

Yonathan *(Abre os olhos. Mostra a pedra que estava com ele. Vai colocá-la junto com as outras.)* Como você prefere, colocar em linha reta ou formando um triângulo?

(Olham-se, demoradamente, nos olhos.)

Fátima Não sei. Escolhe você.

Yonathan Ah, então vamos colocar todas juntas, uma bem do lado da outra...

Fátima Tá.

Yonathan Sabe... A gente está assim perto... Quase se feriu e agora está conversando... E a gente nem se perguntou ainda o nome um do outro... *(Ri-se.)* Como a gente é estranha! *(Tempo.)* Qual é o seu nome?

Fátima *(Tímida.)* Diz o seu primeiro.

Yonathan Está bom. Eu me chamo Yonathan, que é um nome bonito e importante para chamar um menino judeu!

Fátima Yonathan? Que nome esquisito!

Yonathan Aposto que o seu também é...

Fátima *(Rápida.)* É Fátima. Eu me chamo Fátima, como a filha de Muhamaad, o primeiro dos profetas do islamismo, que é uma boa fé para uma garota muçulmana.

Yonathan Pode ser, mas esse nome não é muito comum, também...

(Ambos riem.)

Yonathan *(Animado.)* Vamos fazer alguma coisa? Brincar!

Fátima Brincar?

Yonathan É.

Fátima Será?

Yonathan Por que não?

Fátima Eu aceito.

Yonathan *(Rapidamente começa a imitar um soldado. Fátima entra na brincadeira dele.)* Soldado Yonathan se apresentado! Portão 2. O acesso aos trabalhadores árabes será liberado dentro de instantes. *(Para Fátima.)* Onde você vai?

Fátima Trabalhar!

Yonathan Documento 1, documento 2, documento 3.

Fátima Posso ir?

Yonathan Pode esperar.

Fátima Seu guarda, já são meio dia e eu estou aqui desde às cinco da manhã.

Yonathan Pode esperar!

(Tempo.)

Fátima E agora, posso ir?

Yonathan Já, já!

(Tempo.)

Fátima *(Impaciente.)* Posso?

Yonathan Pode! *(dá passagem a ela, e logo em seguida, simula som de sirene. A menina pára abruptamente.)* Ih, toque de recolher, vai ter que voltar!

Fátima Seu guarda, o que é que eu vou levar para casa?

Yonathan Trabalha ali, na sua terra.

Fátima Mas nossas oliveiras e nossas águas estão aí, na sua terra.

Yonathan Toque de recolher, vai ter que voltar!

Fátima *(Desistindo da brincadeira.)* Essa brincadeira é muito chata! Vamos brincar de outra coisa. *(Pega suas pedras.)* “Um árabe bom é um árabe morto!” Vamos brincar de homem-bomba...

Yonathan Isso não é brincadeira. O seu povo é que nos assusta com isso. Meu pai chama isso de terrorismo!

Fátima Desculpa. Foi só uma idéia.

Yonathan Vocês sempre ficam com essas idéias!

Fátima Para nós também é triste, mas muitas vezes, não tem outro jeito.

Yonathan Como não tem outro jeito? Vocês entram nas lojas, nos carros, nas casas e trazem bombas amarradas no corpo... Explodem quem estiver por perto e dizem que não tem outro jeito? Tem que ter!

Fátima Às vezes parece que não.

Yonathan (*Nervoso.*) Então, falta fazer como a gente fez agora há pouco, falta escutar mais o silêncio!

Fátima (*Olha para o fuzil dele.*) O que você queria? Brincar de fuzil?

Yonathan (*Revida, com certa agressividade.*) Boa saída para quem atirou em mim as pedras com que brincava.

Fátima Eu estava desprotegida. Estamos com a nossa terra ocupada por vocês, invadida! Só temos nossas pedras para atirar.

Yonathan (*Inconformado.*) Não têm mais nada? E os mortos? E o silêncio?

Fátima (*Fria.*) Você tem razão. Nós temos os nossos corpos para explodir!

Yonathan (*Tenta voltar atrás.*) Mas a gente podia brincar de outra coisa... Só mais um pouco. Estava tão bom.

Fátima Não, Yonathan. Nós não podemos, não. Meu irmão está em casa, machucado! Quando eu olho para ele, sei exatamente no que ele está pensando. E não consigo mostrar que pode ser diferente.

Yonathan Achei que tínhamos gostado da diferença, que a gente podia achar graça em ver as diferenças entre Sara, Leila e Amina...

Fátima Vou deixar as pedras aqui. Se quiser, leve-as com você. Ou se quiser, atire-as em mim, por trás. Vou te entender. Se achar melhor, deixe-as aí...

Yonathan Fica.

Fátima Com você, não sei ficar.

Yonathan Volte amanhã. (*Tempo.*) Eu queria te ver amanhã.

(*Tempo. Fátima vai sair.*)

Yonathan Fica.

(Fátima corre. Yonathan fica. Ele vai até as pedras, que estão juntas como tinham deixado, no chão. Tem um impulso de pegá-las. Mas deixa-as ali. Cabisbaixo, ele sai. Black-out.)

Inserção 2
por Erica Montanheiro

(Os quatro atores voltam à posição da primeira inserção.)

ATOR 1 – Para quem achou que nós desapareceríamos... *Shalom!*

ATOR 2 – Para quem achou que nós sucumbiríamos na poeira do deserto... *Hello!*

ATOR 3 – Para quem achou que morreríamos de fome sem nossas oliveiras e sem nossa água... *Salut!*

ATOR 4 – Para quem achou que viraríamos pó...

OS QUATRO – *Salamaleicom!*

(Se olham. Lentamente começam a dar risadas, mostrando as bombas colocadas ao corpo. As risadas começam a aumentar até virar uma explosão de gargalhada. São interrompidas por um dos atores. Desta vez, parodiam uma professora e seus alunos.)

PROFESSORA – Vamos lá. Chamada! Mouhamed?

MOUHAMED – Presente.

PROFESSORA – Veio por quê? Não explodiu ninguém da sua família hoje?

MOUHAMED – Até o presente momento não, prof.

PROFESSORA – Muito bem. Espero que continue assim. *(Percebe que Mouhamed tem uma bomba nas mãos.)* Eu vi Mouhamed! Me dá a bomba!! *(Ele entrega.)* Se você se comportar, pega no final da aula. Ali?

ALI – Aqui...

(Os alunos começam a gargalhar.)

PROFESSORA – Que espirituoso. Engraçadinho, não? Veio por quê? Não era casamento de sua irmã hoje?

ALI – Não, senhora prof., o casamento foi adiado. O noivo foi atingido por um soldado israelense.

PROFESSORA – Que falta de criatividade. Todo mundo só morre de bomba ou de tiro nesse lugar. Custa morrer de câncer, por exemplo? Uma doença que está aí, moderna, tendência, devido aos poluentes. Isso sim é uma doença de nosso tempo. De vanguarda. Bom, não vou mais opinar, cada um, cada um. Yonnes?

YONNES – Presente, prof.

PROFESSORA – Você sempre vem, né, Yonnes? Também se não vier, não come merenda, não é mesmo?

(Ali e Mouhamed começam a rir e são repreendidos pela Professora.)

PROFESSORA – E o resto da sala está ausente! Graças a Alá *(percebe que errou.)* ou melhor, a Deus! Vamos lá. Peguem o caderno de História. Parágrafo, dois dedos, letra maiúscula, eu quero tudo de letra bastão! *(Começa um ditado.)* “A história da Palestina se deu de um modo muito interessante...”

MOUHAMED – Mas, prof., a Palestina não...

PROFESSORA – *(brava.)* Espera, Mouhamed, que eu não terminei!! *(Tempo.)* “... três países: EUA, França e Inglaterra, que queriam ajudar o povo judeu, nossos irmãos, ...

MOUHAMED – Mas, prof., os judeus...

PROFESSORA – *(furiosa.)* Espera que eu não terminei! *(tempo.)* “... resolveram trazê-los de volta na terra que um dia tinha sido deles.”

MOUHAMED – Mas, prof., eles não deveriam ter pedido licença para nós?

PROFESSORA – *(furiosa.)* Mouhamed, primeiro de tudo você me deixa terminar e depois faz a pergunta. E ergue o braço para fazer a pergunta *(ele ergue o braço. A Professora se acalma.)* Muito bem, agora vou responder. Eles deveriam ter pedido licença para nós, porém não foi necessário porque nós deixamos eles entrarem.

OS TRÊS – Ah, isso não é verdade...

PROFESSORA – A tia abriu escola de nível para vocês se maticularem, mas não é possível, né?

ALI – Olha, professora, a gente já tinha escola antes dos judeus chegarem...

PROFESSORA – *(mais furiosa.)* Eu vou explicar bem como teria sido se os judeus não tivessem vindo aqui nos ajudar! Os judeus, Ali, são um povo muito sábio, no nível intelectual, de modo que foi melhor eles terem vindo e ficado com mais terra!!

YONNES – Mas, prof...

PROFESSORA – Yonnes, está de castigo!! *(Acalma-se.)* Yonnes, a História é assim mesmo, nem sempre a gente concorda, mas é assim. Ou você acha que a tia concordou com o Hitler? Mas agora, já está feito. Eu sou só a professora e não posso fazer nada com o que passou. Quer saber? A aula está terminada, vocês são muito mal educados!

(Os alunos estão com uma bomba na mão e ameaçam a Professora. Desespero dela. Jogam a bomba um para o outro. Blackout.)

Cena 3

VOZ *(chamada jornalística.)* Atentado terrorista mata 20 israelenses! 15 civis e 5 soldados acabam de ser mortos vítimas de explosivos. As autoridades locais já iniciaram a busca à família terrorista!

(Noite. Luz apenas nas pedras, que continuam juntas. Na penumbra, Yonathan e Fátima aproximam-se, silenciosos. Procuram-se. Não se vêem, até que se chocam, de costas um para o outro.)

Yonathan Voltou? Acho bom que tenha voltado.

(Tempo.)

Fátima E você, por que veio?

Yonathan Escutei o silêncio. *(Tempo.)* Tive saudade.

(Tempo.)

Fátima Ainda não sabe?

Yonathan Eu soube. Não foi longe de casa. Até ouvi o barulho... Mas, como você disse, tem hora que parece que a gente até se acostuma com isso... *(Tempo.)* Você está vestida de preto? Por quê?

Fátima Combina com tristeza.

Yonathan Tristeza sua? Os vinte mortos da explosão eram nossos. Dessa vez, os números foram contra mim.

Fátima Por acaso é mais triste para quem perdeu mais?

Yonathan Vinte, Fátima! Morreram vinte!

Fátima Mais nenhum? Nenhum? *(Tempo.)* Nenhum a menos? Nenhum a

Yonathan Você sabe quanto é vinte?

Fátima Vocês contam vinte... Mas teve mais um... Teve mais um morto, que você não contou... *(Tempo.)* Era o meu irmão!

Yonathan Foi seu irmão?

(Silêncio. Longo silêncio.)

Fátima Eu tive saudade daqui... É um lugar bom para chorar.

Yonathan Então, vou chorar com você. Hoje é um dia sagrado para nós. Yom Kipur... Dia do perdão.

Fátima Você consegue perdoar?

Yonathan Não. *(Tempo.)* Mas você podia me ajudar, se quisesse.

(Tempo.)

Fátima Acho que não quero. Meu irmão não pôde perdoar... Acho que eu não quero.

Yonathan Nem eu.

Fátima Mas você pode ficar aqui, se quiser... É bom ficar aqui, com as pedras... *(Tempo.)* Com você. Parece que a gente é como elas: uma coisa feita de pedra, que podem dar nomes, que são diferentes, mas que, no fundo, é tudo a mesma coisa sempre: PEDRA.

Yonathan Conhece a história da Medusa?

Fátima Está no Alcorão?

Yonathan Não. Nem na Torá. Mas não tem importância. É bonita.

Fátima Vai me deixar mais triste?

Yonathan Não. Histórias não servem pra isso. É o que eu acho... *(Olha nos olhos dela.)* Todo mundo que olhasse nos olhos da Medusa...

Fátima Quem era essa Medusa?

Yonathan Era um monstro, fascinante e bonito...

Fátima Monstro bonito?

Yonathan Monstro pode ser bonito. Beleza de monstro, ué... Se você quiser, pode fazer a beleza do monstro virar feiúra... O que interessa é que ela, no lugar dos cabelos tinha cobras, serpentes do deserto... E os seus olhos faziam todos os que a olhassem de frente ficarem paralisados. Até o coração virava pedra.

Fátima *(Espanto.)* A gente olhou para ela?

Yonathan Pode ser. Tem Medusa que se disfarça. *(Tempo.)* Vai ver, o mundo é uma Medusa grande, feia, dura... mas, para escapar dela, basta fechar os olhos... *(Reflete.)* Aí, a gente não vê nada...

- Fátima Ficar de olhos fechados... A gente não sabe ficar de olhos fechados para o mundo... Mesmo que ele seja essa Medusa.
- Yonathan Mas ficar cego pra feiúra, cega também para a beleza que ela pode ter... (*Simpático.*) O duro é que a gente vira pedra quando olha. Teve um moço que a enfrentou, uma vez. Perseu.
- Fátima Ele não virou pedra?
- Yonathan Não. Para não olhar nos olhos dela, colocou um escudo de metal bem polido nas mãos e ficou de costas para ela. Ele percebeu que se olhasse para sua feiúra, para a sua dureza – até para a sua beleza –, ficaria paralisado, sem ação. Então, Perseu inventou o reflexo dela no espelho que era o seu escudo polido. Guiado por essa invenção, ele pôde enfrentá-la.
- Fátima Será que quando escutamos o silêncio e o grito dos mortos, podemos escapar dela, também? Como Perseu?
- Yonathan É... Pode ser uma brincadeira bacana.
- Fátima Parece bom. E a gente inventa um mundo que não é duro como as pedras. Nesse lugar, as pedras são bonitas e diferentes umas das outras... E diferentes de nós, que não somos mais pedra. Nesse mundo, nós temos carne (*tempo.*), coisa que não devia explodir.
- (*Tempo.*)
- Yonathan Posso te perguntar uma coisa?
- Fátima Pergunta.
- Yonathan Era por causa do seu irmão que você quis brincar de homem-bomba comigo?
- Fátima Não sei. Ele não falou nada sobre isso.
- Yonathan Ele não usou nenhum escudo. Virou pedra e explodiu o mundo.
- Fátima Você acha que um dia isso vai mudar?
- Yonathan Não sei. Mas a gente pode ficar aqui, criando juntos – no silêncio, de olhos fechados – um escudo contra essa Medusa!
- Fátima Não posso. E você também não pode. Eu sou uma menina muçulmana... E a Palestina não é esse mundo aí que a gente inventou.
- Yonathan Antes de ser da Palestina, você é só uma menina.

Fátima E você é um menino. Judeu. Que carrega um fuzil! Israel vai precisar de você, agora. Ou depois.

Yonathan Como?

Fátima Ah, essa pergunta é fácil de responder... “Como” é bem mais fácil do que todos os “por quês”. *(Tempo.)* As pedras vão ficar aqui, juntas...

Yonathan Sara... Leila... E Amina.

Fátima E Yonathan...

Yonathan E Fátima.

Fátima Adeus, Yonathan.

Yonathan Sempre que der, vou vir aqui.

Fátima Que bom! Cuidado.

Yonathan Vou me lembrar sempre de ter cuidado. E de você...

Fátima Mas se você esquecer, tudo bem. Eu vou te perdoar. Vou lembrar do seu dia do perdão. Yom Kipur. É tão esquisito quanto o seu nome. Mas é bonito.

Yonathan Você é bonita.

(Tempo.)

Fátima Você também é. Adeus.

(Ela vai saindo. Pára. Volta-se para ele.)

Fátima É ruim ir embora... Olhe! Está amanhecendo, já. Mais tarde, o sol faz o olho da gente chorar, de tão forte.

Yonathan *(Carinhoso.)* Chore de olhos fechados. E ouça o grito de seu irmão pedindo o silêncio...

(Ela fecha os olhos. Afasta-se, com os olhos fechados.)

Fátima *(Vai saindo.)* Assim parece que você está indo comigo. Posso até te sentir do meu lado.

Yonathan Eu estou. Estamos indo para a sua casa...

Fátima E, nós, para sua casa, também.

Yonathan Ao mesmo tempo.

Fátima Juntos.

Yonathan Indo ao mesmo tempo para os dois lados, para todos os lugares
diferentes... Juntos.

Fátima Juntos...

(Ouvem-se barulhos de pedradas, explosão, tiros, ao longe. De surpresa, Fátima é alvejada no peito. Cai. Yonathan tenta socorrê-la. Desesperado, atira para todos os lados com o seu fuzil. Suicida-se.)

O pacifista Em outra passagem do livro do Gênesis, Abraão, para provar fidelidade ao seu Deus, decidiu pelo sacrifício de seu próprio filho, Isaac. Mas um anjo veio do céu e deteve sua mão. Pelas palavras de Deus, Abraão conheceu a lei sagrada: “Salvando-se uma vida, salva-se o mundo”. A guerra faz com que muitos filhos sejam sacrificados e isso concretiza o que o Deus de Abraão não quis: o sacrifício de incontáveis Yonathans e Fátimas, diante dos nossos olhos.

(Em cena, num pequeno foco de luz, fica apenas o túmulo de pedras nascido deste encontro Black-out.)

Fim